

“VISTA MINHA PELE”: ALTERIDADE ETNICORRACIAL EM SOLAR DOS PRÍNCIPES DE MARCELINO FREIRE

Maiana Lima Teixeira¹

RESUMO

O conto *Solar dos Príncipes* do livro *Contos Negreiros* (FREIRE, 2005) além de destacar o preconceito social e racial como temática, propõe um espécie de Vista minha pele (ARAÚJO, 2004) trazendo uma perspectiva diferente e irônica do OUTRO através da reversão de papéis: os brancos passam a ser analisados pelos negros em um longa-metragem que propõe um olhar da favela sobre a Classe Média. O presente trabalho pretende, assim, analisar as relações intersemióticas entre o cinema e o texto literário como ferramentas discursivas para nos fazer repensar a alteridade do ponto de vista social e étnico. Neste sentido, utilizarei como referencial teórico, Frantz Fanon, Stuart Hall, Joel Zito e Kathryn Woodward.

Palavras-Chave: Contos Negreiros. Alteridade. Representações etnicorraciais

Sempre é tenso problematizar a questão social e etnicorracial no Brasil. Para Joel Zito, estes são nomeados “temas- tabu”, ou seja, discussões consideradas desconfortantes e por isso, sempre adiadas e enquadradas como superadas-resolvidas. Neste sentido, se faz necessário refletir a problemática da representação de minorias na história e, neste caso, o negro. Espaços de contestação à hegemonia são criados. Isto é possível através de rescritas /releituras presentes tanto na literatura quanto na mídia, a exemplo, o cáustico documentário *A negação do Brasil: o negro na telenovela Brasileira* de Joel Zito Araújo (2000) que aponta historicamente os principais contribuintes e mantenedores de um racismo que impede que o negro tenha a sua experiência representada em outros espaços vários que não sejam de subalternização como também, propõe , a antologia *Contos Negreiros* de Marcelino Freire que é uma caldeirão de revides sociais raciais e identitários.

¹Estudante de Graduação em Letras Vernáculas e Língua Estrangeira da UFBA- Universidade Federal da Bahia, pesquisa do Grupo de Pesquisa: *RASURAS* do projeto de pesquisa *ETNOESCRITURAS*. Coordenador. Prof., Drº José Henrique Freitas.

É sabido que os conceitos de raça e etnia passaram por deslocamentos de significado. Antes eram concebidos dicotomicamente - raça (como produto de pressupostos teológico, filosóficos e científicos) e etnia como um conceito sociocultural, histórico e psicológico (Munanga, 2003). Estas concepções são problematizadas a partir do surgimento de uma suposta homogeneização conceitual destes a ponto de suprimir um em detrimento do outro e não só isto: forjar o racismo sob o rótulo de preconceito socioeconômico a produzir uma “alteridade inócua” (FIGUEIREDO, 2010) que consiste em suposto apagamento da relevante problemática racial pela manutenção do racismo cordial.

Estas tensões conceituais estão presentes em *Vista minha pele* de Joel Zito e o conto *Solar dos Príncipes* de Marcelino Freire.

“*Vista a minha pele*
Vista-se epidermicamente de mim
E procure me entender como seu igual assim...”
(CORREIA, Silas. *Vista a Minha Pele*).

Vista minha pele consiste em uma paródia da realidade brasileira: um curta-metragem que promove discussões sobre racismo e preconceito social. No documentário, a história oficial é invertida: os negros são classe dominante e os brancos foram escravizados. Os países pobres são Alemanha e Inglaterra. Os países ricos pertencem à África. Maria é uma menina branca, pobre, que estuda num colégio particular graças à bolsa-de-estudo que tem pelo fato de sua mãe ser faxineira nesta escola. A maioria de seus colegas a hostilizam, por sua cor e por sua condição social, com exceção de sua amiga Luana, filha de um diplomata que, por ter morado em países pobres, possui uma visão mais moderada e assistencialista. Caráter de inversão também presente no conto *Solar dos Príncipes*- os negros, analisando os brancos por um curta-metragem. Estas produções apresentam-se em suportes diferentes – mídia e texto literário - contudo, em acordo por trazerem em seus discursos duas dimensões de realização da alteridade. Neste sentido, analisarei as relações de intersemiose presentes nestas traduções.

Quem inaugurou o conceito de intersemiótica foi o linguista Roman Jakobson, que dividiu as traduções em três tipos distintos: intralingual (reescrever um texto a

apartir dos signos de uma língua), interlingual (a popularmente conhecida, “ao pé da letra”) e, por fim, intersemiótica (a interpretação de signos por outros signos não-verbais).

Ambos os projetos funcionam como estratégia discursiva no intuito de fomentar um repensar da alteridade do ponto de vista social e étnico: Joel Zito inverte a lógica histórica, para atestar uma desconfiguração no processo de representação, já Freire propõe inverter a dinâmica social, na tentativa de reverter e tensionar epistemologias coloniais existentes nos rizomas da sociedade brasileira. Caminhos diferentes interligados por uma questão: alteridade etnicorracial.

Mas o que é afinal, alteridade? A princípio, alteridade é o “colocar-se no lugar do outro”, é produzir um sentimento da consciência de interdependência nas relações de construção identitária: dessa forma eu apenas existo a partir do outro, da visão do outro, o que me permite também compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, partindo tanto do diferente quanto de mim mesmo, sensibilizado que estou pela experiência do contato. Contato este, ao relacionar com a questão etnicorracial, que produz o estranho de Freud (*unheimlich*), aquele que é familiar, reprimido e emerge pela diferença (FREITAS, 2009) ou *O mulato* de Lima Barreto, assimilado pelo branqueamento preposto do “grupo referencialista” (LANDOWSKY, 2002). O objetivo deste artigo é analisar a presença, predominância e frustração destas perspectivas na obra fílmica e literária, nos compelindo a uma reflexão mais atenta da alteridade etnicorracial.

O conto *Solar dos Príncipes* pertence à Antologia *Contos negreiros* de Marcelino Freire; a “prosa rapadura” – citada por Xico Sá no prefácio - contém 16 (*cantos – contos*) cheios de lirismo, ironia, memória e oralidade. Marcelino se apropria do recurso estilístico da epopéia – utilizados por narrativas de fundação como “Caramuru (Santa Rita Durão) e *Uruguai* (Basílio da Gama) no intuito de promover a corruptela, tendo como produto uma ode ao caráter popular/multifacetado do Brasil contemporâneo. Representante, também das literaturas pós-coloniais (BONNICI, 2009): o autor retrata um Brasil fragmentado pelas desigualdades sociais, fruto de determinismos históricos ratificados através de pressupostos fundadores presentes nos chamados “*textos de informação*” (BOSI,

1994). Povoada e sobrepovoada de intenções estrangeiras. Uma nação vitimada por inúmeras tentativas de aniquilamento de sua cultura pelo colonialismo.

Enquanto o Negro estiver em casa não precisará, salvo por ocasião de pequenas lutas intestinais, confirmar seu ser diante de outro. Claro, bem que existe um momento de 'ser-para-o-outro', de que fala Hegel, mas qualquer ontologia torna-se irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada." (FANON, 2008,p.103).

Antes de iniciar quaisquer leituras acerca do conto, vale ressaltar o cenário o qual se processa todos os eventos. Estamos no Rio de Janeiro. Cidade composta de paradoxos habitacionais gritantes: os condomínios de Classe Média lado a lado com as majoritárias favelas. As fronteiras estão bem estabelecidas. Universos sociais distintos vivendo "tranquilamente" suas vidas peculiares.

O distúrbio começa quando três jovens resolvem descer do *Morro do Pavão*² para produzir um documentário sobre a classe média. A finalidade do vídeo é descrever o cotidiano - os hábitos - da classe média... "O condômino falar como é viver com carros na garagem, saldo, piscina, computador interligado. Dinheiro e sucesso." (FREIRE, p.25).

O conflito se instala desde o momento em que os jovens se apresentam na portaria. O porteiro - negro - sempre distorce a fala dos jovens, com leituras pautadas no branqueamento:

Estamos filmando
Filmando? Ladrão é assim quando quer seqüestrar. Acompanham o dia -a -
dia, costumes, a que horas a vítima sai para trabalhar...
[...]
Viemos gravar um longa- metragem.
- Metra o que?
Metralhadora, cano longo, granada, os negros armados até as gengivas.
Não disse? Vou correr (...). Caroline dialogou: a idéia é entrar num
apartamento do prédio de supetão, e filmar, fazer uma entrevista com o
morador.
O porteiro: 'entrar num apartamento?'
O Porteiro: 'Não'.
O pensamento: 'tô fodido'
[...]
O porteiro apertou o apartamento 101, 102, 108. Foi mexendo em tudo que
é andar. Estou sendo assaltado, pressionado, liguem para o 190, sei lá.
(FREIRE, 2005 p. 23- 25)

²**Morro do Pavão** (*Cantagalo-Pavão-Pavãozinho*) é um conjunto de morros vizinhos dos bairros de Copacabana e Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro. O complexo de morros do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho está cravado no centro da zona sul carioca.

Um simples documentário torna-se um filme de ação:

(...) Começamos a filmar tudo. Alguns moradores posando a cara na sacada. O trânsito que transita. A sirene da polícia. Hã? A sirene da polícia. Todo filme tem sirene de polícia. E tiro. Muito tiro. Em câmera violenta. Porra, Jonathan pulou o portão de ferro fundido. O porteiro trancou-se no vidro. Assustador... (FREIRE, 2005, p. 26 -27).

O porteiro chama a polícia, consolida-se o conflito (até tiroteio). Os jovens não passam da portaria. Toda a filmagem acontece do lado de FORA do condomínio. O documentário foi editado, sendo assim malograda a real finalidade (conhecer e/ou divulgar... a classe média?) ratificando o discurso do “grupo referencialista” (LANDOWSKY, 2002) este que não consegue exercer uma relação alteridades que não seja por assimilação-transformar o outro no mesmo - ou por exclusão, tratá-lo como o estranho de Freud. Porém, isto não desmotiva os ‘diretores’ - sai de improviso. Os jovens não conseguem se estabelecer enquanto diferença. Seu projeto de reversão sai fragmentado. Entretanto, fica a tentativa do REGISTRO... “Sem problema, tudo bem. Na edição agente manda cortar.”

O desfecho do conto-sirene de polícia e tiroteiro enfatizam a impossibilidade de um *Vista minha Pele*, uma alteridade etnicorracial por reversão; o *Outro* não poderá ocupar o lugar do *Mesmo* que, por sua vez é o *Outro*. O conto sugere a inviabilidade de estes sujeitos editarem sua própria história. Todas as suas representações são convenientemente mal interpretadas e sempre interpeladas pela voz do excludente. Os jovens terão sempre suas vozes emudecidas pelo próprio acontecimento dos quais são autores. Toda a tentativa de diálogo para se obter sucesso no projeto é suprimida por uma visão estereotipada (BHABHA, 1998).

Marcelino Freire, através da sua leitura de rua, potencializa os relatos objetivos e subjetivos das minorias na história; os “*objetos teóricos*” do qual agora ganha voz, antes *falados* agora sujeitos da própria história:

(...) os homens e as mulheres que falam e as suas palavras—seres que, encarnando ao mesmo tempo certa apreensão da individualidade e da sua radicação no social, cruzam as linhas da prosa como portadores de ideologias, de modos de ver, de entender, de interpretar e de interpelar o mundo, plasmando-se no texto através de discursos que se confrontam num jogo dialógico interno à própria obra. (BAKTHIN, 1992, p.18)

O autor subverte as bases literárias... “construindo um novo texto problematizando a possibilidade da fala dos colonizados: esse novo texto interroga o texto ‘canônico’ e, ao mesmo tempo, constrói-se como discurso legítimo.” (BONNICI, 2009), e termina por produzir a *rasura* de Hall (2000, p.108):

Uma identidade está sempre *rasurada* por outra, visto que uma identidade precisa de um referencial anterior para se reorganizar. Além de fragmentada e fraturada, a identidade é construída multiplamente ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas.

As narrativas de Marcelino Freire promovem o resgate de discursos excluídos e marginalizados. *Contos negreiros* se tornam um instrumento de divulgação de outras formas de representação do negro, diferente daquelas apresentadas pela cultura nacional única-padrão; uma “reinterpretação e a reescrita de obras canônicas ocidentais como resposta ao colonizador” (BONNICI, 1998).

O contar de uma experiência que guarda algo da intensidade do vivido, seja por aqueles que narram sua própria experiência ou por aqueles narradores observadores que narram à experiência do outro. Os sujeitos - testemunhas transmitem suas experiências fatídicas, entretanto, esses personagens não são mais importantes que os efeitos dos seus testemunhos ou que as mensagens transmitidas pelos seus relatos. A potência está no discurso produzido por estes personagens.

O autor pensa pelo avesso - sai do senso comum ao abordar o racismo. Expõe suas idéias livremente, sem rótulos, sem máscaras; com sua estilística ousada, alternativa, desconfortante “*escancara*” o racismo em todos os seus desdobramentos – o individual, *sui generis*, presente em qualquer etnia classe social, o institucional - discriminação, oculta ou aberta presentes nos sistema de trabalho, justiça, economia, mídia e demais instituições e a ambiental, preconceito referente às localidades periféricas que por sua vez, de grande concentração de população negra.

Seja pela tentativa frustrada ou pela total inversão, uma das possíveis leituras de *Vista a Minha Pele e Solar dos Príncipes*, no atual cenário sócio- etnicorracial

brasileiro é a da impossibilidade de reversão dos mecanismos epistemológicos coloniais agenciadores da hegemonia. Esses ditames funcionam como entraves aos projetos de alteridade empenhados nas duas narrativas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAHBHA, Homi. **O local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BONNICI, Thomas. (Org.) **Resistência e intervenção nas Literaturas Pós-Coloniais**. 21. Ed. Maringá: Eduem, 2009. 491 p.
- BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. In: **Mimesis**, Bauru - São Paulo, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.
- FANON, Frantz. A experiência vivida pelo negro. In: **Pele Negra, Mascaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2010.
- FREIRE, Marcelino. **Contos Negreiros**. São Paulo: Record, 2005.
- FREITAS, José Henrique. Quilombos Pós-modernos: saberes anticoloniais e representações étnicas contradiscursivas na cultura de Massa
In: GRAMACHO, Derval Cardoso (org.) SSA. **Comunicação e Cultura**. Scortecci. Salvador, p.92-106, 2009
- HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LADOWSKY, Eric. **Presenças do Outro**. Ensaios de sociosemiótica. Tradução: Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002
- LEITE, Correia Silas. **Vista a Minha Pele**. Disponível em:
<http://poetasilas.blogspot.com/2008/10/vista-minha-pele-poema.html>
- MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n.5, p.15-34, 2004.
- A NEGAÇÃO do Brasil**. Direção de Joel Zito Araújo. Rio de Janeiro: Casa de Criação, 2000. Vídeo – DVD (91 min).
- Vista a minha pele**. Direção de Joel Zito Araújo. São Paulo: Casa de Criação/Ceert, 2004. Vídeo - DVD (23 min).

